

Para além da Transação Comercial: uma análise das Transações Econômicas na Agroecologia à luz da Semântica de Frames¹

Beyond the Commercial Transaction: An Analysis of Economic Transactions in Agroecology through the Lens of Frame Semantics

Ana Flávia Souto de Oliveira

Universidade Federal de Santa Maria – Rio Grande do Sul – Brasil

Gabriel Eduardo Gonçalves

Universidade Federal de Santa Maria – Rio Grande do Sul – Brasil

Resumo: O presente trabalho está inserido em um projeto que alia pesquisa e extensão para o desenvolvimento de recursos digitais voltados à área da Agroecologia com base na descrição possibilitada pela Semântica de Frames. Neste artigo, o objetivo geral é analisar o frame *Transações Econômicas* no contexto da Agroecologia. Essa análise se justifica pelo fato de as diferentes relações econômicas estabelecidas na Agroecologia não serem descritas de forma satisfatória apenas com base no frame tradicional *Transação Comercial*. A partir da compilação de um *corpus* do frame *Transações Econômicas* específico à Agroecologia, foram identificadas unidades lexicais relacionadas aos participantes e às práticas econômicas. Na sequência, essas unidades foram classificadas em subframes e avaliadas a partir das particularidades das *Transações Econômicas* na Agroecologia. Nossos resultados apontam que apenas o frame tradicional *Transação Comercial* não dá conta das práticas econômicas no contexto da Agroecologia, tendo em vista arranjos de produção e comercialização específicos, a perspectivação dos e os papéis desempenhados pelos elementos de frame e as práticas econômicas mediadas por valores particulares à Agroecologia.

Palavras-chave: Semântica de Frames. Agroecologia. Transações econômicas.

Abstract: This study is part of a broader project that aims at developing digital resources for the field of Agroecology, grounded in the descriptive possibilities offered by Frame Semantics. In this paper the general objective is to analyze the *Economic Transactions* frame within the context of Agroecology. This analysis is motivated by the fact that the diverse economic relations established in Agroecology cannot be satisfactorily described solely through the traditional *Commercial Transaction* frame. To carry out the analysis, we built a corpus to represent the *Economic Transactions* frame specific to Agroecology. Lexical units related to participants and economic practices were identified and classified into subframes and examined according to the particularities of *Economic Transactions* in Agroecology. Our results indicate that the traditional *Commercial Transaction* frame alone is insufficient to account for economic practices in agroecological contexts, given the specific production and commercialization arrangements, the perspectivation and roles performed by frame elements, and the economic practices mediated by values fundamental to Agroecology.

Keywords: Frame Semantics. Agroecology. Economic Transactions.

¹ Trabalho financiado pelo Fundo de Incentivo à Extensão da UFSM/Centro de Artes e Letras.

1 Introdução

A linguagem é condição fundamental para a existência da vida social. Essa constatação, porém, é apenas o ponto de partida. Uma análise mais atenta de seu funcionamento revela que sua atuação transcende os limites do que é meramente dito ou escrito, pois a linguagem intervém diretamente na forma como a realidade é constituída, refletindo os modos de perceber, organizar e vivenciar o mundo. Neste trabalho, parte-se do pressuposto de que a linguagem organiza a realidade, pois é por meio dela que a experiência humana se estrutura, que o vivido ganha forma e que se delineiam os contornos do que pode ser nomeado, pensado e compartilhado. Assim, como destaca Geeraerts (2006, p. 3, tradução nossa), a linguagem é um fato primariamente semântico, por servir como “um instrumento para organizar, processar e transmitir informação”².

Nesse horizonte, temos a Semântica de Frames, perspectiva teórica que sustenta as análises desenvolvidas nesta pesquisa. Ao articular linguagem, cognição e experiência, esse quadro analítico oferece ferramentas potentes para a investigação do significado linguístico. Em consonância com Fillmore (1982, p. 112, tradução nossa), entende-se que as “palavras representam categorizações de experiências, sendo que cada uma dessas categorias baseia-se em uma situação motivadora que ocorre em determinado contexto de conhecimento e de experiência”³. Assim, os significados não sobressaem à superfície como unidades autônomas do sistema linguístico, mas estão ancorados em estruturas de conhecimento socialmente compartilhadas, que dão a base para os conceitos simbolizados pelas palavras e que refletem formas específicas de experienciar o mundo.

Como exemplo ilustrativo dessa dinâmica, trazemos a discussão da unidade lexical *vegetariano*⁴,

conforme apresentado por Fillmore (1982, p. 120, tradução nossa). O autor observa que a definição de vegetariano como “‘pessoa que só come vegetais’ é uma categoria relevante e interessante somente no contexto de uma comunidade cuja maioria ou grande parte dos integrantes come carne regularmente”⁵. Essa observação demonstra que o sentido atribuído à palavra não se limita a sua compreensão como uma unidade estática e/ou universal, pois envolve uma questão contextual. Em outras palavras, a identidade de “vegetariano” se constrói através da afiliação a determinados princípios socioculturais que ganham relevância em contextos específicos e não meramente pela ausência do consumo de carne. Trata-se, portanto, de uma prática que articula escolhas, valores e pertencimento a uma determinada comunidade discursiva. A escolha lexical, nesse caso, expressa modos de ser e estar no mundo, refletindo experiências socialmente compartilhadas e reconhecidas.

Seguindo esse mesmo raciocínio, e voltando-nos ao foco desta pesquisa, consideramos a unidade lexical *agroecológico* como uma palavra que também emerge em um contexto de oposição. Seu uso só adquire pertinência em razão da existência de um modelo hegemônico *tradicional* de produção agropecuária, pautado na monocultura intensiva e na exploração de recursos naturais. Em um cenário em que tais práticas não fossem predominantes, ou sequer existissem, é plausível supor que a própria necessidade de classificar algo como “agroecológico” não se colocaria. Nesse sentido, configura-se como uma unidade lexical que carrega em si a marca de uma resistência discursiva e política, articulando um posicionamento frente a uma lógica produtiva dominante.

No campo específico da Agroecologia, essa oposição é ampliada tanto para os modos de produção quanto para as formas de organização econômica. Observa-se, nesse domínio, uma reconfiguração das

² [an instrument for organizing, processing, and conveying information]

³ [words represent categorizations of experience, and each of these categories is underlain by a motivating situation occurring against a background of knowledge and experience]

⁴ Neste trabalho, seguimos as seguintes convenções: (I) itálico para item lexical, (II) fonte courier new para frame, (III) negrito para elementos de frames, (IV) aspas duplas para significado e (V) caixa alta para os conceitos.

lógicas que regem as transações econômicas, sobretudo quando comparadas àquelas que sustentam o modelo capitalista tradicional.

Em face do exposto, o objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar o frame *Transações Econômicas na Agroecologia*. Para tanto, foram estabelecidos três objetivos específicos: (i) descrever o frame *Transações Econômicas* e seus principais subframes; (ii) examinar, à luz da descrição, os fundamentos, as práticas e as implicações sociopolíticas desse enquadramento; e (iii) estabelecer um contraste sistemático com o modelo convencional de *Transação Comercial*, amplamente legitimado e reproduzido na prática, bem como descrito na literatura especializada (FrameNet, s.a.; Fillmore, 1976; Fillmore; Atkins, 1992). Essa comparação, desse modo, busca elucidar distinções estruturais e organizacionais que atravessam ambos os modelos, reconhecendo que cada um opera com diferentes regimes de racionalidade econômica e social.

Nessa direção, justificamos a pesquisa como uma etapa teórica integrante de uma proposta extensionista⁵, na medida em que a análise crítica dessas informações poderá contribuir para o desenvolvimento de uma aplicação digital voltada ao registro das rotinas de cultivo por agricultores agroecológicos. Assim, ao problematizar o modelo comercial hegemônico em relação às práticas da Agroecologia, será possível (re)pensar funcionalidades mais adequadas e sensíveis às demandas desse público no ambiente digital. Além disso, a descrição em termos de frames já tem sido aplicada em diversos projetos lexicográficos e terminográficos com o propósito de apresentar o léxico de áreas temáticas a partir das estruturas de conhecimento que dão suporte ao seu entendimento (cf. FrameNet, s.a.; Chishman, 2016; Oliveira et al., 2020).

Com vistas à consecução dos objetivos do presente estudo, adotamos como ferramenta metodológica a análise qualitativa de um *corpus*

compilado especificamente para representar o frame *Transações Econômicas na Agroecologia*. Tais etapas de compilação e análise são descritas na Seção 3. Por fim, indicamos que, na próxima seção deste trabalho, são apresentados os princípios basilares da Semântica de Frames para, então, justificar a proposta de descrever a Agroecologia a partir dessa abordagem teórica.

2 Semântica de Frames e Agroecologia: algumas considerações

As palavras não apresentam significados fixos ou estanques, tais como as definições em termos de propriedades necessárias e suficientes presentes em dicionários ou como as listas de traços composicionais elencados em análises semânticas formais. Ao contrário, o sentido das palavras é construído continuamente na interação, através de práticas discursivas situadas, atravessadas por contextos sociais, culturais e históricos. À luz disso, a perspectiva enciclopédica de significação elaborada nas contribuições do linguista Charles Fillmore (Fillmore, 1975; Fillmore, 1976; Fillmore, 1982), apresenta

uma maneira particular de olhar para os significados das palavras, bem como uma forma de caracterizar os princípios para a criação de novas palavras e expressões, para a adição de novos sentidos às palavras e para a articulação dos significados dos elementos em um texto [...]. (Fillmore, 1982, p. 111, tradução nossa).

Assim, o funcionamento das unidades lexicais é percebido como um processo dinâmico, em que o significado das palavras em uso está em constante construção, a depender dos cenários de experiência e dos contextos em que ocorrem.

Com base nesse referencial teórico, adotamos a visão enciclopédica de significado proposta pela

⁵ ['someone who eats only vegetables' is a relevant and interesting category only against a background of a community many or most of whose members regularly eat meat]

⁶ Projeto de extensão "Caderno de campo Agroecológico: aplicação web baseada nos cenários de sistemas sustentáveis de produção de alimentos", registrado no Portal de Projetos da UFSM sob n. 059408. O projeto tem como objetivo, a partir da análise de frames específicos à Agroecologia, desenvolver um Caderno de Campo digital direcionado ao registro de rotinas de cultivo em sistemas de produção agroecológicos de pequeno porte, principalmente voltados à certificação orgânica.

Linguística Cognitiva, que se contrapõe às abordagens tradicionais de análise lexical. Enquanto essas abordagens concebiam os conceitos denotados pelas palavras como decomponíveis em traços semânticos elementares, funcionando como uma espécie de *checklist* conceitual (Fillmore, 1975), a visão enciclopédica reconhece a prototipicidade e a flexibilidade como características constitutivas do funcionamento lexical. Em vez de portarem um sentido fixo, as palavras evocam redes de conhecimento, ativando cenários que orientam a construção do significado e que mobilizam uma série de processos conceptuais, como a categorização, a metáfora e os espaços mentais. Nesse sentido, como apontam Evans e Green (2006, p. 8, tradução nossa), o contexto não apenas influencia, mas guia a construção semântica, na medida em que “a língua codifica [...] instruções rudimentares para o sistema conceptual acessar ou criar ideias ricas e elaboradas”⁷ e são essas instruções mínimas, ancoradas nas palavras, que convocam os sistemas de conhecimento ativados na interlocução.

Uma forma de exemplificar isso é observar conceitos como RESTAURANTE, CLIENTE, GARÇOM, PEDIDO e CONTA. À primeira vista, poderíamos pensá-los por meio de relações tradicionais de meronímia, antonímia ou hiponímia; todavia, como destacam Croft e Cruse (2004), tais conceitos estão interconectados com base na experiência cotidiana, visto que não se baseiam em relações semânticas tradicionais. Assim, ao ser utilizada, a unidade lexical *cardápio* ativa todo o conhecimento relacionado ao frame *Restaurante*, sendo frame definido como um:

sistema de conceitos relacionados de tal modo que, para entender qualquer um deles, é preciso entender toda a estrutura na qual se enquadram; quando um dos elementos dessa estrutura é introduzido em um texto, ou em uma conversa, todos os outros elementos serão disponibilizados automaticamente. (Fillmore, 1982, p. 111, tradução nossa).

Essa relação não é meramente lexical, pois a unidade ativa porções de conhecimento que advêm da nossa experiência cotidiana com restaurantes, como aquela relacionada a um restaurante universitário ou a um restaurante comercial; o fato de o pagamento ocorrer antes ou depois da refeição; haver ou não garçons; ter o serviço à la carte ou ao modo “bandeirão”. Tais nuances evidenciam que as unidades lexicais são atravessadas por um pano de fundo experiencial, constituído pelas vivências dos sujeitos e pelas formas como esses espaços e relações são organizados cognitivamente, cultural e discursivamente.

É justamente nesse ponto que ganha relevância a ideia de *frame*. Pode-se compreendê-lo como uma forma de organização mental que estrutura modos de perceber o mundo, articulando conhecimentos, crenças e convenções sociais com base nas experiências do cotidiano. Ao mencionarmos uma palavra como *restaurante*, por exemplo, estamos mobilizando um conjunto articulado de expectativas, conhecimentos prévios e práticas recorrentes vinculadas a esse universo. Ou seja, o frame traduz uma configuração situacional, seja de um objeto, de uma ação ou de um evento, que se ancora em uma moldura coletiva, constantemente reelaborado nas interações sociais. Como afirma Duque (2015, p. 46), os “frames se localizam na mente, mas, ao mesmo tempo, são compartilhados por membros de uma mesma cultura quando estes expressam seus conhecimentos, suas perspectivas e visões de mundo”.

O conceito de *perspectivação*, ou perfilamento, oferece um encaminhamento analítico para investigar como diferentes elementos de um mesmo cenário podem ser destacados, dependendo do prisma sob o qual são observados (Langacker, 2007). Por meio desse mecanismo, certos aspectos são ativados enquanto outros são relegados a segundo plano, construindo diferentes sentidos para uma mesma estrutura conceptual. A construção *pedir a conta*, por exemplo, ativa a relação entre os elementos **Cliente** (quem solicita), **Garçom** (quem recebe a solicitação) e **Conta** (soma do valor dos itens

⁷ [language encodes (...) rudimentary instructions to the conceptual system to access or create rich and elaborate ideas]

em **Pedido**), já *reservar uma mesa* ativa uma porção de conhecimento relacionada ao que ocorre antes de se ir a um restaurante, em que o **Cliente** escolhe um **Local** específico dentro do RESTAURANTE para ser utilizado em determinado **Horário** por determinado **Número de pessoas**.

Ao inserir o recorte que nos propomos a analisar no contexto dessa teoria, é possível perceber que a Agroecologia se configura como um frame específico para o entendimento de práticas socioculturais que, conseqüentemente, se refletem em um léxico particular. Refere-se a um cenário conceptual, um conhecimento de fundo, que, por meio do perfilamento de porções conceptuais realizado pelas unidades lexicais, constrói sentidos que a diferenciam substancialmente da agricultura convencional. Esse enquadramento, agroecológico, portanto, nomeia uma prática agrícola bem como ativa um conjunto de valores, saberes e modos de organização social que marcam uma oposição conceptual, simbólica e discursiva em relação ao modelo de agricultura tradicional.

Nesses termos, a Agroecologia pode ser definida pela aplicação de princípios ecológicos ao manejo de agroecossistemas sustentáveis e se consolida como campo científico ao integrar conhecimentos acadêmicos e saberes históricos dos agricultores, de modo que essa articulação permite construir bases conceituais e metodológicas que orientam tanto a sustentabilidade dos agroecossistemas quanto o desenvolvimento rural mais sustentável (Caporal; Costabeber, 2004; Gliessman, 2002). Em consonância a essa perspectiva, Altieri (2009, p. 12) destaca que a agroecologia busca “[...] a manutenção da produtividade agrícola com o mínimo possível de impactos ambientais e com retornos econômico-financeiros adequados à meta de redução da pobreza, assim atendendo às necessidades sociais das populações”.

A partir do que foi delineado acerca da Agroecologia, é possível vislumbrar uma organização conceptual que se constrói pela articulação entre múltiplos saberes e práticas. No entanto, mais do que traçar esse panorama geral, torna-se relevante compreender como essas articulações se concretizam e ganham sentido no interior do campo agroecológico. Ao avaliarmos os arranjos de produção e comercialização existentes nas práticas agroecológicas, por exemplo, encontramos a ênfase a circuitos curtos de comercialização, redes alimentares alternativas e práticas econômicas mais justas para aqueles que produzem o alimento. Isso porque a Agroecologia parte da ideia de um uso mais sustentável dos recursos naturais, porém, compreendido de modo indissociável das complexas relações econômicas, políticas e socioculturais existentes na sociedade.

Inseridos nessa lógica, é possível considerar que algumas práticas de obtenção de insumos na Agroecologia, como os empréstimos e as doações de sementes crioulas entre agricultores (e a própria produção e conservação de sementes crioulas), são exemplos que demonstram o caráter econômico diverso dessa perspectiva.⁸ Outro exemplo emblemático é a unidade lexical *coagricultor*, que evoca o frame *Comunidade que Sustenta a Agricultura* (CSA). Essa unidade lexical é uma das possíveis designações para o que, no cenário tradicional de *Transação Comercial*, ocuparia o lugar do elemento de frame **Comprador**. Contudo, tal unidade lexical destaca o papel diferenciado que o consumidor desempenha nesse frame⁹, visto que ele é entendido como alguém cujo papel se assemelha ao do produtor, pois está “junto com” (prefixo *co-*) o agricultor, compartilhando responsabilidade e risco.

Diante de tais exemplificações é possível observar diferenças, ainda que de modo breve. Retomamos, então, a caracterização do cenário *Comercialização* e de seus subcenários

⁸ Além disso, esse funcionamento traz consequências práticas para o produto em desenvolvimento no projeto de extensão: no caderno de campo, é necessário incluir um campo de origem de insumo que apresente essas possibilidades, não apenas a de uma aquisição por transação financeira tradicional de compra.

⁹ Como explicam Melo *et al.* (2020, p. 83), numa CSA “produção e consumo são lastreados pela confiança e o sistema se conforma por meio da co-responsabilidade de todos os envolvidos”.

(FrameNet, s.a.; Fillmore, 1976; Fillmore; Atkins, 1992), com o intuito de avaliar sua adequação para as transações da Agroecologia. Segundo Fillmore (1976), o evento comercial existe em culturas cuja economia baseia-se em dinheiro e mobiliza os papéis (elementos de frame) **Comprador**, **Vendedor**, **Mercadoria** e **Dinheiro**. Fundamental para esse conhecimento sobre um evento comercial é o que está descrito com relação à troca de posse por trás do subcenário Transação comercial: “o comprador entrega o dinheiro e pega as mercadorias e o vendedor entrega as mercadorias e pega o dinheiro”¹⁰ (Fillmore, 1976, p. 25, tradução nossa). Assim, esse frame é evocado por unidades lexicais como *comprar*, *vender*, *custar*, *gastar*, *cobrar*. A utilização de cada unidade lexical ativa diferentes porções desse conhecimento e relaciona de forma distintas os elementos desse frame. *Vender*, por exemplo, abre as lacunas **Vendedor** e **Mercadoria**, em usos como *João vendeu as alfaces*; *custar* exige que se explicita **Mercadoria** e (quantia de) **Dinheiro**: *Os rabanetes custam 10 reais*.

De acordo com a FrameNet (s.a.), o cenário comercial seria descrito da seguinte forma:

Comercialização é uma situação em que um **Comprador** e um **Vendedor** concordam com a troca de **Dinheiro** e **Mercadorias** (possivelmente após uma negociação), e então realizam a troca, podendo executá-la de diversas formas, com pagamento direto, financiamento ou fornecimento de troco. O **Vendedor** indica sua disposição em entregar as **Mercadorias** em sua posse a um **Comprador** que lhe dará uma determinada quantia de **Dinheiro**. O **Vendedor** pode já ter decidido o valor de dinheiro que deseja receber; nesse caso, esse valor é chamado de Preço solicitado. O **Comprador** também indica sua disposição de dar uma quantia em dinheiro, chamada de Oferta, a um **Vendedor** que esteja disposto a entregar-lhe as **Mercadorias**. [...] (Framenet, sv. Commerce_scenario, tradução nossa).

A partir dessa definição, podemos observar que o cenário de comercialização está presente nas

práticas agroecológicas, por exemplo, nas formas de comercialização que ocorrem tradicionalmente nas feiras. Todavia, isoladamente, esse frame não é suficiente para dar conta de todas as transações econômicas que ocorrem na agroecologia.

Para os fins deste estudo, a presente pesquisa parte da perspectiva da comercialização tradicional, com o intuito de avaliar como ela se distancia e/ou se aproxima do que nomeamos de Transações Econômicas na Agroecologia. Nossa escolha terminológica está associada ao conceito de Economia, em que se dá maior enfoque à noção de sistema, que aglutina elementos como produção, consumo e tipo de mercado; e não apenas às práticas arraigadas na troca monetária.

Na próxima seção, apresentaremos os aspectos metodológicos que guiaram as análises.

3 Metodologia de pesquisa e análise

A partir de leituras especializadas e da imersão conceitual na temática da Agroecologia, selecionamos um conjunto de palavras-chave¹¹ que se mostraram centrais nesse cenário relacionado especificamente à comercialização na agroecologia. Essas unidades lexicais foram: *agricultura familiar*, *agroecologia*, *certificação*, *cestas domiciliares*, *circuito curto*, *economia solidária*, *feira livre*, *preço justo* e *sustentabilidade*.

Com base nesse léxico, compilamos um *corpus* de textos utilizando o *software* BootCaT (versão 1.57), que permite a coleta semiautomatizada de textos disponíveis na web com base em combinações específicas de termos (Oliveira, Piper e Gatti, 2021). Essa ferramenta permite a compilação semiautomática de *corpora* a partir de termos de busca, chamados *seeds* [sementes]. Para operacionalizar essa coleta, o programa gera tuplas (sequências) aleatórias compostas por pelo menos três dessas sementes. Para os propósitos deste trabalho, utilizamos as tuplas acompanhadas da

¹⁰ [the buyer surrenders the money and takes the goods and the seller surrenders the goods and takes the money]

¹¹ A seleção das unidades lexicais representativas do nosso recorte foi sustentada por um *corpus* de apoio composto por artigos científicos, manuais acadêmicos, manuais técnicos, fichas agroecológicas, bem como pela conversa com produtores rurais agroecológicos e especialistas.

unidade lexical *comercialização*, de modo a circunscrever os textos que abordam o tema sob o viés da Agroecologia em articulação com práticas de mercado não conectadas ao cenário comercial tradicional.

Cada busca por tupla foi limitada a, no máximo, 10 páginas, em conformidade com os parâmetros operacionais do BootCaT. Como resultado, o corpus compilado apresentou um total de 79 textos, que constituem o *corpus* de análise desta pesquisa. Desse conjunto textual, realizamos a extração de palavras-chave e locuções por meio do *software* Sketch Engine (versão *trial*), utilizando como *corpus* de referência o *corpus* da língua portuguesa, de 2023, disponibilizado pelo próprio *software*.

O intuito dessa etapa foi identificar quais unidades lexicais poderiam ser relevantes para a temática de pesquisa no interior do nosso *corpus*, em contraste com os padrões gerais da língua. As listas geradas pela ferramenta *Keywords & Terms* fornece palavras simples (*tokens*) e termos compostos que ocorrem com frequência maior no *corpus* de análise do que no *corpus* de referência, ou seja, são palavras e expressões que se distinguem por sua frequência e tendem a ser características do *corpus* avaliado.

Tal procedimento nos permitiu acessar as unidades lexicais mais salientes do frame relacionado às transações econômicas da Agroecologia em textos escritos de circulação digital, contribuindo para uma leitura mais precisa das recorrências e ênfases temáticas que organizam esse campo. A partir disso, as unidades lexicais foram classificadas em subcenários, que, por sua vez, foram identificados e descritos com o intuito de destacar aqueles mais frequentes e significativos para este estudo. Nesse sentido, quando possível, principalmente no cenário específico de *Transações Econômicas*, realiza-se uma comparação com *Transação Comercial*, a partir da descrição apresentada anteriormente.

Na próxima seção, inicia-se a apresentação e discussão dos resultados.

4 Resultados e discussão

Selecionadas as unidades lexicais representativas das transações econômicas da Agroecologia, esses itens foram agrupados em subframes a partir da dependência, para seu entendimento, da mesma estrutura de fundo. De modo geral, as unidades lexicais encontradas estavam relacionadas principalmente a elementos de frame, como *alimento*, *consumidor* e *produtor*; aos subframes Programas governamentais, como *Programa Nacional de Alimentação Escolar* (PNAE); Formatos de comercialização, como *feira*, *cesta* e *CSA*; Certificação Orgânica, como *conformidade* e *OCS*; e Filosofia da Agroecologia, como *consumo responsável*. Na continuidade, são apresentadas algumas das principais considerações suscitadas pela avaliação qualitativa dos dados sob um olhar agroecológico.

Inicialmente, como base de comparação, temos, no cenário *Transação Comercial*, os elementos de frame **Vendedor**, **Comprador**, **Mercadoria** e **Dinheiro**. Todavia, para apresentar nossos resultados, optamos por uma mudança de paradigma, elegendo, respectivamente, **Sujeito-Fonte**, **Sujeito-Destino**, **Recurso** e **Aporte**, visto que essas são expressões mais genéricas e poderão dar conta das perspetivações a serem analisadas.

Com relação ao **Recurso**, ele pode ser referido por diferentes unidades lexicais, tais como *hortaliça*, *produto*, *produto orgânico*, *produção orgânica* ou *alimento agroecológico*. Cada denominação ativa um modo específico de significar a relação entre o que é produzido, quem produz e o modo como o que é produzido circula socialmente. A seguir, apresentamos alguns dos usos extraídos do *corpus*.

Quadro 1 – Exemplos de uso das unidades lexicais que perspectivam o **Recurso**

- (i) A partir do seu estudo, Amorim identifica vantagens desta modalidade [CSA] em relação ao mercado convencional de orgânicos: para o agricultor, este mercado não oferece vantagens, na medida em que o **produto orgânico** segue o mesmo modelo capitalista e lógica mercadológica do produto convencional. Ou seja, reproduz um modelo no qual o agricultor recebe pouco e o atravessador acaba se apropriando da maior margem de lucro em cima do produto.
- (ii) Muitos dos desafios iniciais (gestão, logística, armazenamento, comunicação, engajamento do consumidor, grupos de agricultores organizados etc) estão sendo superados aos poucos e têm permitido uma ampliação da oferta, democratização do **alimento agroecológico**, autonomia dos produtores e consumidores, resultando em preços justos, que eram considerados limitações à expansão do sistema.

Fonte: *corpus* compilado pelos autores

Quando se utiliza o termo *produção*, há uma generalização do processo, que abrange o conjunto de etapas desde o plantio até o contato final com o **Sujeito-Destino**. Nesse caso, o foco desloca-se do objeto em si para o processo produtivo, ao passo que o item é concebido como resultado de um encadeamento de práticas agrícolas. Por outro lado, a nomenclatura *produto* aproxima o evento transacional de uma lógica mercadológica e *produto orgânico*, conforme o exemplo (i), introduz uma qualificação distintiva, que destaca a qualidade e o valor agregado do item em relação a outros bens de consumo¹², ainda que reconfigurada por princípios ecológicos. Outrossim, consideramos especialmente relevante o termo *alimento agroecológico*, que conjuga materialidade vital e orientação filosófica. Ao nomear-se *alimento*, o item é reconhecido em seu caráter

essencial à vida, por seu poder de nutrir e sustentar; ao qualificar-se como *agroecológico*, inscreve-se em uma visão de mundo que valoriza justiça social, equilíbrio ambiental e economia solidária, conforme reforçado, no exemplo (ii), pelo uso da expressão *democratização do*. Por fim, a unidade lexical *alimento agroecológico* também reflete uma filosofia de interdependência entre indivíduos e meio ambiente, sustentada por um método econômico alternativo.

No que se refere ao **Sujeito-Fonte**, também foram encontradas diferentes unidades lexicais, como *produtor*, *agricultor*, *agricultor familiar* e *feirante*. No Quadro 2, contextualizamos alguns dos usos encontrados no *corpus*.

Quadro 2 – Exemplos de uso das unidades lexicais que perspectivam o **Sujeito-Fonte**

- (iii) no controle interno da qualidade da produção, podem-se mapear os produtos por **produtor** e época de colheita organizando sua comercialização para que não falem ou cheguem em excesso na feira.
- (iv) A CONAB comprava de cada **agricultor familiar** o valor total de R\$ 3.500,00 em produtos para serem doados a organizações em situação de insegurança alimentar, pagando prêmio de até 30% no preço dos produtos orgânicos.
- (v) O preço praticado pelo **feirante** pode ser definido por uma avaliação de seu gasto com insumos e suas reais necessidades, sem lucros excessivos e remuneração de atravessadores ao longo da cadeia produtiva.
- (vi) Assim, o **feirante** (agricultor), no ato da venda, perfura os cocos de diferentes tamanhos e coloca a água em um recipiente próprio.

Fonte: *corpus* compilado pelos autores

¹² É interessante pontuar que agroecológico e orgânico não são sinônimos. Todo alimento agroecológico está em conformidade com o que a legislação classifica como orgânico, ou seja, enquadra-se nos critérios que o Ministério da Agricultura e da Pecuária indica como requisito para a certificação orgânica, como a não utilização de agrotóxicos e de adubos químicos. Contudo, nem todos os produtos orgânicos são agroecológicos, visto que há uma série de questões ético-filosóficas que caracterizam sistemas agroecológicos de produção de alimentos que podem não estar presentes no processo de produção de um alimento com selo orgânico. A aproximação do rótulo *orgânico* a um sistema mais tradicional de comercialização se dá pelo fato desse selo agregar valor ao produto.

A primeira unidade lexical, *produtor*, como o uso em (iii), destaca o papel desse sujeito na produção de bens, neste contexto, um produto alimentício. *Agricultor* se refere àquele que realiza o cultivo do alimento, ou seja, destaca o papel de quem trabalha a terra e realiza os procedimentos de plantio, manejo e colheita. Já o termo *agricultor familiar* retoma um posicionamento sociocultural, caracterizando um agricultor que gerencia a produção de forma familiar, em propriedades geralmente de pequeno porte, e que realiza a produção tanto para venda quanto para autoconsumo. Conforme ilustrado em (iv), também podemos observar o papel do agricultor familiar na cadeia de produção alimentícia e na mitigação da insegurança alimentar, mediado por órgão governamental. Por fim, *feirante* representa a etapa final de destinação do recurso para troca econômica, podendo comercializar produtos próprios ou de terceiros em um espaço físico de trocas, no qual ocorre o contato direto com o **Sujeito-Destino** com uma lógica mais próxima das transações tradicionais. Destacamos também o duplo papel do feirante, na

medida em que age também como produtor, à luz dos exemplos (v) e (vi).

Cabe destacar que **Atravessador**, elemento subentendido pelas práticas comerciais tradicionais (mesmo que não esteja presente nos cenários descritos por Fillmore, 1976; Fillmore; Atkins, 1992), aparece no *corpus* analisado, como na sentença (v), geralmente em contexto de negação: *sem atravessador*. Duas considerações se mostram centrais no exame dessa questão. Por um lado, como a lógica agroecológica é a de um *circuito curto de comercialização*, *produtor* e *feirante* acabam sendo papéis distintos de um mesmo ator, conforme evidenciado em (vi); por outro lado, um cenário comercial tradicional de uma “economia que se baseia em dinheiro” apaga da transação comercial tudo aquilo que está relacionado à produção da mercadoria, inclusive aquele que a produz, e todo o ciclo de atravessadores que está por trás do produto negociado.

Na sequência, tem-se o **Sujeito-Destino**, para o qual se destacam os termos *consumidor* e *coagricultor*.

Quadro 3 – Exemplos de uso das unidades lexicais que perspectivam o **Sujeito-Destino**

(vii) Além disso, destaca-se a importância de compreender como este modelo de comercialização reflete, também, para os *consumidores*, a fim de entender a relação produção e consumo de forma integrada e, assim promover e estimular a criação mais grupos que primem pela aproximação entre *consumidor* e produtor para além das relações mercantis.

(viii) Segundo o agricultor A8, neste modelo, a agricultura é apoiada pela comunidade, onde o agricultor deixa de vender através de intermediários e começa a contar com a participação de pessoas para financiar o escoamento da sua produção, ou seja, quem decide participar de uma CSA, deixa de ser um consumidor e se torna um *coagricultor*, e assim valoriza a produção local, e conhece de perto de onde vem o seu próprio alimento.

Fonte: *corpus* compilado pelos autores

O termo *consumidor* se refere a uma unidade lexical tradicionalmente vinculada ao cenário Transação Comercial, em que um *vendedor* realiza a *troca financeira* pela venda de um *produto*. No entanto, na sentença (vii), podemos observar um contexto em que o uso da unidade lexical *consumidor* está inserido em uma lógica de Economia Solidária, o que se aproxima da Agroecologia. Portanto, destaca também a perspectiva daquele que consome o alimento, mas não necessariamente o compra.

O *coagricultor*, por sua vez, exemplificado em (viii), mais do que adquirir um alimento, oferece um *aporte financeiro* a *agricultores familiares*, garantindo em retorno uma cesta de alimentos correspondente à estação e à colheita disponível. Nesse sentido, indicamos que tanto o *agricultor* quanto o *coagricultor* estão sujeitos ao risco de não ter acesso aos *alimentos agroecológicos* em razão de intempéries, especialmente de ordem climática. Diante dessas situações, o *agricultor familiar* conta com respaldo financeiro, podendo negociar, em colheitas futuras,

outros *alimentos*. Trata-se, assim, de uma relação mediada pela confiança, inserida no subframe da Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA).

A partir desses três elementos que participam das Transações Econômicas, é necessário considerar o diferencial representado pela presença da Filosofia Agroecológica. Mais do que uma

simples distinção linguística, ela se concretiza por meio de práticas distintas, que, como consequência, impossibilitam que o elemento de frame original **Dinheiro** dê conta das práticas comerciais desse contexto. Destacam-se aqui unidades lexicais como *consumo responsável*, *base ecológica*, *comércio justo*, *economia solidária* e *autogestão*.

Quadro 4 – Exemplos de uso das unidades lexicais que se relacionam à Filosofia Agroecológica

- (ix) Atualmente um leque diverso de profissionais participa, buscando, através da *economia solidária* e da agroecologia, uma proposta cooperativista, com a manutenção de relações de ajuda mútua.
- (x) Como exemplo, o crescimento das redes de comércio justo e de agricultura de *base ecológica* e o fortalecimento da agroecologia contribuíram para a politização das relações entre produtores e consumidores, atribuindo novos significados aos chamados mercados locais.
- (xi) No dia a dia da Feira da UFSC, é nítido o envolvimento dos consumidores nesta proposta e o interesse dos mesmos na permanência da Feira, pois a relação dos feirantes com os consumidores é bem estreita e possibilita a troca de informações; essa interligação que se estabelece com as pessoas que frequentam a Feira poderia estender-se à população, promovendo discussões relacionadas ao *consumo responsável* e a equidade entre gerações.
- (xii) Assim, fica clara a preocupação de garantir um *preço justo* ao produtor, como uma das condições para estabelecer relações mais solidárias entre quem produz e quem consome alimentos.

Fonte: corpus compilado pelos autores

Ao observar as expressões *consumo responsável* e *base ecológica*, evidenciadas em (x) e (xi), identificamos um direcionamento voltado ao equilíbrio entre o humano e o ambiental, orientado pela busca de preservação da natureza e pela recusa de práticas que provoquem danos ao solo. Tal perspectiva contrasta com os modelos de agricultura intensiva, comuns em diversos espaços de produção, que priorizam o rendimento em detrimento da sustentabilidade. Já a *economia solidária*, conforme o uso em (ix), destaca um modelo econômico baseado em princípios como a coletividade e a solidariedade, contrário ao modelo capitalista, que visa ao lucro e à exploração de mão de obra.

Na continuidade, destacamos outra unidade lexical essencial a esse cenário, pois introduz uma ressignificação nas formas de compreender o comércio: *preço justo*. Diante disso, argumentamos que a questão central não reside apenas no acesso do consumidor a um produto de valor acessível, como ocorre no sistema capitalista, e sim na busca por práticas de *comércio justo* voltadas aos agricultores

familiares, que enfrentam dificuldades para competir com grandes produtores latifundiários.

Essa perspectiva também delinea o percurso específico do **Recurso** em direção ao **Sujeito-Fonte**, evidenciando o papel do *Circuito Curto de Comercialização*. Desse modo, tal sistema pode ser entendido como a relação direta entre **Sujeito-Fonte** e **Sujeito-Destino**, em que a presença de intermediários ou *atravessadores* é minimizada ou inexistente. Nessa configuração, o **Sujeito-Destino** tem a oportunidade de conhecer o *feirante*, o *agricultor familiar* ou o *produtor*, reconhecendo nas interações as dimensões humanas e simbólicas que sustentam a transação. A partir dessas aproximações, consolidam-se vínculos baseados em reciprocidade, apreço, confiança e corresponsabilidade, que fundamentam a realização da Transação Econômica.

Portanto, emoldurado por esse contexto, tem-se o último elemento de frame central nas Transações Econômicas, que denominamos **Aporte**. Conforme destacado anteriormente, na Agroecologia, também são praticadas transações

monetárias baseadas em *dinheiro*, suportadas pelo frame *Transação Comercial*; contudo, percebe-se que itens lexicais como *troca*, *contribuição*,

financiamento e *apoio* demandam modos alternativos de executar o evento econômico que não pela simples troca monetária, conforme exemplificado nos excertos (xiii) e (xiv).

Quadro 5 – Exemplos de uso das unidades lexicais que perspectivam o **Aporte**

(xiii) O projeto CASA2, Comunidade Acadêmica que dá Suporte à Agricultura, é uma ação de extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que visa criar uma rede de apoio aos agricultores familiares a partir do *financiamento*, por parte dos consumidores, de suas produções agroecológicas e construir laços de sociabilidade e confiança entre estes e os produtores.

(xiv) As experiências que compõem a Rede de Cidadania Agroalimentar em construção, conferem um senso de responsabilidade e de pertencimento aos indivíduos e organizações, que na luta por mercados mais justos e de relações mais próximas, investem energia em construir conexões sociais que articulam mecanismos de trocas monetárias e não monetárias.

Fonte: corpus compilado pelos autores

Ademais, ao aprofundar as relações que se estabelecem por meio do *Circuito Curto de Comercialização*, observamos a presença de vendas intermediadas pelo governo no subframe *Programas*

governamentais, como o *Programa Nacional de Alimentação Escolar* (PNAE) e o *Programa de Aquisição de Alimentos* (PAA), ambos recorrentes no corpus analisado.

Quadro 6 – Exemplos de uso das unidades lexicais do subframe **Programas governamentais**

(xv) Essa articulação das compras de alimentos do PNAE com os produtos advindos da agricultura familiar traz inúmeras vantagens para a promoção do desenvolvimento rural e da educação: transferência de renda diretamente aos produtores do entorno com as compras locais; a aproximação entre os produtores de alimentos com os consumidores - no caso, os *alunos* das escolas adquirentes, possibilidade de vitalização de circuitos locais de produção, propiciando o aquecimento da economia local e regional.

(xvi) Grisa et al. (2011) destacam a relevância do PAA em função das seguintes contribuições: [...] b) alteração no consumo das famílias produtoras e das beneficiadas com os alimentos adquiridos pelo *governo* federal, proporcionando uma alimentação mais diversificada e de melhor qualidade [...]

(xvii) Experiências em outros países europeus com alimentação escolar mostram que o poder público tem papel decisivo em relação aos mecanismos de *aquisição de alimentos*, ao incentivo de determinados modelos de produção sustentáveis e de saúde pública.

Fonte: corpus compilado pelos autores

O PNAE configura-se como um *mercado institucional* organizado pelo agente **Poder público**, responsável pela compra de alimentos da *agricultura familiar* destinados à *alimentação escolar*, como refletido em (xv). Conforme Porrua (2021), esse processo pode ocorrer por meio de pregões eletrônicos, licitações ou chamadas públicas. Destaca-se que, embora não haja obrigatoriedade de que os alimentos adquiridos sejam agroecológicos, há prioridade para sua compra, considerando a busca por uma alimentação de qualidade superior destinada a crianças e adolescentes (Campos et al., 2023).

O PAA, por sua vez, como ilustrado por (xvi), contempla a *aquisição de alimentos* provenientes da *agricultura familiar* destinados a pessoas em situação de vulnerabilidade alimentar, configurando-se como outro *mercado institucional* que possibilita o escoamento alternativo da produção desses agricultores. Por fim, destacamos que a unidade lexical *aquisição de alimentos* designa um gesto que ultrapassa o simples ato de compra pelo **Poder Público**, expressando uma ação de posse e redistribuição dos **Recursos** em direção àqueles a quem se destinam. Essa dinâmica é evidenciada pela

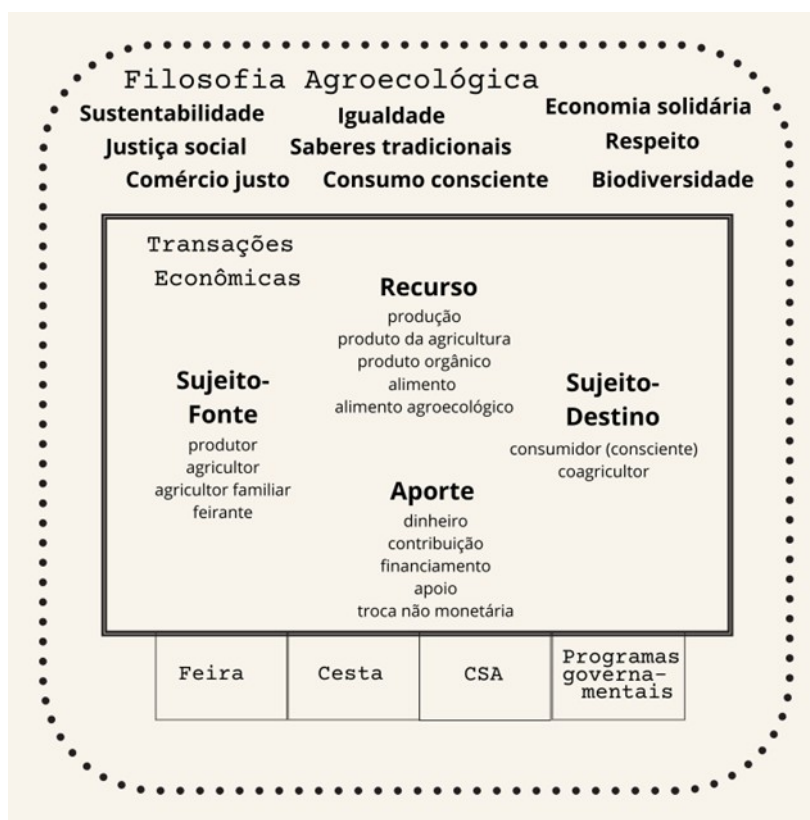
sentença (xvii). Assim, essas unidades demonstram a importância do **Poder público** enquanto elemento de frame desse subframe das Transações econômicas, além de instituir estudantes e pessoas em situação de vulnerabilidade alimentar como **Sujeito-Destino**.

Por fim, indicamos que, idealmente, o cenário Transação Econômica na agroecologia é um evento em que um **Recurso** (p.ex. *alimento agroecológico*) passa (sem intermediários) de um **Sujeito-Fonte** (p.ex. *agricultor familiar*) para um **Sujeito-Destino** (p.ex. *consumidor consciente*), mediado por valores de

uma **Filosofia Agroecológica**, que incidem na definição de um **Aporte** justo. Diferentemente do frame Transação Comercial, a análise do frame das Transações econômicas no contexto da Agroecologia resulta em arranjos de produção-comercialização-consumo compostos por redes alimentares alternativas em que a simples troca de dinheiro por produtos não é suficiente para dar conta das complexas relações existentes entre aqueles que produzem e aqueles que consomem o alimento.

Para ilustrar essa dinâmica de modo visual, apresentamos a organização sintetizada na Figura 1.

Figura 1 – Frame Transações Econômicas e principais subframes



Fonte: elaborado pelos autores

5 Considerações Finais

A partir da análise das Transações Econômicas no contexto da Agroecologia, o presente estudo avaliou diferenças estruturais e organizacionais em relação às práticas típicas de “culturas cuja economia baseia-se em dinheiro” (Fillmore, 1976). Nesse sentido, os objetivos foram alcançados por

meio da análise do cenário Transações Econômicas, distinto do frame Transação Comercial, pois sua organização mobiliza arranjos específicos de produção e circulação, como as redes alimentares alternativas e as iniciativas de agricultura apoiadas pela comunidade (CSA), além de formas não convencionais de economia. Evidencia-se, ainda, a importância dos valores que orientam a formação e a

manutenção dos vínculos para produzir e adquirir alimentos no contexto agroecológico.

A reflexão sobre o frame *Transações Econômicas* na Agroecologia torna visível encadeamentos de produção-comercialização-consumo sustentados por redes que valorizam o conhecimento de quem produz. Em contraste, a economia capitalista tende a ocultar o produtor e a recentrar o foco no vendedor, muitas vezes intermediário.

Com isso, ressalta-se que a linguagem não é neutra, visto que projeta concepções de mundo que remetem a práticas cotidianas diferenciadas. As diferentes unidades lexicais deixam de operar estritamente como terminologia e constituem, portanto, elemento estrutural do modelo avaliado. Consequentemente, as palavras passam a expressar visões e posicionamentos que reconfiguram os sentidos das transações no campo agroecológico.

Referências

- ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 5 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- BARONI, Marco; BERNARDINI, Silvia. **BootCaT**, versão 1.57. Página Inicial. <https://bootcat.dipintra.it/>. Acesso em: 15 de Outubro, 2024.
- CAMPOS, Anelise de Souza Muller et al. **Nossa escola com comida de verdade: cartilha sobre a inserção de alimentos orgânicos e agroecológicos no Programa Nacional da Alimentação Escolar (PNAE): 3 orientações para o trabalho nas escolas**. Karu porã Nea-Ssan, Ministério da Educação, 2023. Disponível em: https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/pnae/manuais-e-cartilhas/GuiasobreagroecologianoPNAEEscolas_.pdf. Acesso em 04 nov. 2025.
- CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antonio. **Agroecologia: Enfoque científico e estratégico para apoiar o desenvolvimento rural sustentável**. Porto Alegre: EMATER/RS-ASCAR, 2004.
- CHISHMAN, Rove (Org.). **Dicionário Olímpico**, 2016. Página Inicial. <https://www.dicionarioolimpico.com.br/>. Acesso em: 15 de Outubro 2023
- CROFT, William; CRUSE, D. Alan. **Cognitive linguistics**. Cambridge University Press, 2004.
- DUQUE, Paulo Henrique. Discurso e cognição: uma abordagem baseada em frames. **Revista da ANPOLL**, v. 1, n. 39, p. 25-48, 2015.
- EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. **Cognitive Linguistics: An Introduction**. Edinburgh University Press, 2006.
- FILLMORE, Charles. An alternative to checklist theories of meaning. **Proceedings of the First Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, 1975, pp. 123-131.
- FILLMORE, Charles. Frame Semantics and the nature of Language. **Annals of the New York Academy of Sciences**, v. 280, n. 1, p. 20-32, 1976.
- FILLMORE, Charles. Frame semantics. In: The Linguistic Society of Korea (Eds.). **Linguistics in the Morning Calm**. Seoul: Hanshin, 1982.
- FILLMORE, Charles J., ATKINS, Beryl T. Toward a Frame-based Lexicon: The Semantics of RISK and its Neighbors. In: LEHRER, A.; KITTAY, E. (Eds.). **Frames, Fields and Contrasts: New Essays in Semantic and Lexical Organization**. Hillsdale: Erlbaum, 1992. p. 75-102.
- FRAMENET. **FrameNet project**. Berkeley: International Computer Science Institute (ICSI), s.a. Disponível em: <http://framenet.icsi.berkeley.edu/>. Acesso em: 10 out. 2025.
- GEERAERTS, Dirk. A rough guide to cognitive linguistics. In: Dirk Geeraerts (org.) **Cognitive Linguistics: basic readings**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006.
- GLIESSMAN, Stephen R. **Agroecología: procesos ecológicos en agricultura sostenible**. Catie, Turrialba, 2002.
- KILGARRIFF et al. **Sketch Engine**, versão *trial*. Disponível em: <https://www.sketchengine.eu/>. Acesso em: 10 agosto 2024.

LANGACKER, Ronald. W. Cognitive Grammar. In: Dirk Geeraerts; Hubert Cuyckens (orgs.). **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. New York: Oxford University Press, p.139-169, 2007.

MELO, Angelina Moreira; DE FREITAS, Alair Ferreira; CALBINO, Daniel. Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA): panorama das pesquisas brasileiras. **COLÓQUIO - Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 17, n. 2, p. 82-99, 2020.

OLIVEIRA, Ana Flávia S. et al. **LEXICOVID-19**: Dicionário Enciclopédico do Novo Coronavírus. 2020. Disponível em: www.lexicovid19.com.br. Acesso em: 10 jan. 2023.

OLIVEIRA, Ana Flávia Souto de; PIPER, Guilherme Hatwig; GATTI, Chrystian Revelles. Utilização de corpora extraídos da web em um dicionário enciclopédico do novo coronavírus. **Letras**, v. 62, p. 82-96, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/68117>. Acesso em: 20 dez. 2024.

PORRUA, Priscila. **Encontro técnico para nutricionistas do PNAE - 2021**. Ministério da Educação, FNDE. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/pnae/media-pnae/encontros-tecnicos/rede-estadual/fala-1-mesa-3-processo-de-aquisicao.pdf>. Acesso em 04 nov. 2025.